Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1030

10 DE AGOSTO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro — Fallecido em 1 do corrente

(Cliché Bobone)

Chronica Occidental

Não é sempre facil cumprir um dever, examinar a consciencia, ouvil-a, seguir-lhe as indicações, e por ella dirigir os passos, sejam quaes forem as agruras do caminho, seja o que fôr que espera lá no termo. A honra lá estará certa; ás vezes, porém, abraçada á morte. Não é só nos campos da batalha que esta se encontra, brutal ahi, mas na mesma brutalidade menos cruel. Um soldado corre para a morte, e uma embriaguez anima-o; animam-o os gritos dos que vão para a gloria correndo ao lado d'elle.

Ha outras luctas muito peores. A morte lá anda tambem, mas lenta, sorrindo ironicamente, mascarada ás vezes. Ensaia se, de quando em quando, um hymno de triumpho que faz despontar nos labios do heroe um riso contrafeito; mas já elle sabe que as vozes dos metaes hão de ser abafadas por um côro de imprecações, a que não falta por vezes D. Basilio com a sua voz de baixo poderoso.

Hintze Ribeiro teve um ideal e por elle combateu. Diante de suas cinzas ainda quentes não lh'o contestaram muitos de ideaes differentes Luctou constantemente, e no combate se lhe foi, pouco a pouco, arruinando o coração. Pelo coração foi vencido.

Durissimas foram as ultimas horas da sua vida, que fraca esperança animaria; mas, sempre decidido á lucta, a morte havia de encontral o em seu posto.

Em Ponta Delgada, terra de sua naturalidade, onde, passados muitos annos, havia de voltar na eminente posição de presidente do conselho, quando, na viagem aos Açores, acompanhou o Sr. D. Carlos, ali, o não quiseram eleger, pouco depois de terminada a sua formatura, para membro da junta geral do districto. Doeu se. Mediu as forças do seu talento, convenceu-se de que muito mais alto podiam subir suas ambições. Lisboa era campo mais vasto, partiu para Lisboa, e, passados poucos mezes, tendo sido Antonio Rodrigues Sampaio incumbido por El-rei D. Luiz de formar ministerio, Hintze Ribeiro, muito novo ainda, foi convidado para tomar conta da pasta das obras publicas. A idéa d'um desforço trouxe-lhe a primeira victoria.

Como havia de pagar caro as alegrias d'esse primeiro momento! E entretanto foi brilhante a sua carreira. Em 1893 assumiu pela primeira vez a presidencia do conselho; em 1900, tendo fallecido Antonio de Serpa Pimentel, de ha muito cançado e doente, o partido regenerador, por unanimidade, acclamou o seu chefe.

Que inveja carreira tão rapida, e tantas honrarias que lhe foram concedidas, não metterá a tantos que, ao entrarem na carreira politica, apenas se vêem a si mesmo, e, na politica, azas para subir ou, pelo menos, muletas para melhor caminhar! E Hintze Ribeiro, que morreu pobrissimo, trabalhava e dava aos seus ideaes mais que todo o vigor do seu cerebro, dava-lhe todas as energias de seu coração. Aquelle poude com muito; este não poude com tanto.

Um dos grandes amigos de Hintze Ribeiro, dos mais dedicados, foi Urbano de Castro, que tantas afinidades teve com elle, na energia para o trabalho, na excellencia do coração. Quando Hintze Ribeiro, com Lopo Vaz e Julio de Vilhena, todos muito novos, foram chamados por Antonio Rodrigues de Sampaio, Urbano de Castro fez uma revista de anno, *Lisboa por um oculo*, representada no Gymnasio, em que os tres eram examinados, n'uma scena de graça enorme, pelo Antonio Pedro, que fazia uma caricatura esplendida do Barros e Sá. Beatriz Rente fazia o Hintze Ribeiro. Que linhas tortas, por que se veio cosendo uma futura amizade cheia de dedicações! Ali o ministro conheceu o escriptor que havia de ser redactor politico do jornal officioso do partido!

Ha quantos annos isso foi! Até Beatriz Rente, que era então uma rapariga formosissima, com os olhos mais bonitos de Lisboa, teve tempo de envelhecer e de morrer.

Que tristeza faz pensar em alegrias velhas! De tantos nomes que ahi escrevi agora, um só é de vivo, e tanta vida tenha quanta lh'a desejamos, que muito ha d'elle a esperar.

A morte de Hintze veio confirmar com eloquencia tragica, o que muito bem d'elle se sabia, e que sua esposa, lavada em lagrimas, repetia, desafogando com a Rainha Sr.ª D. Amelia, o quanto elle era amigo do seu amigo.

Morrêra o Conde de Casal Ribeiro, José Frederico, antigo condiscipulo, amigo e correligionario do chefe do partido regenerador. Haviam os medicos aconselhado Hintze Ribeiro que não fosse a enterros. Não lhe queriam commoções violentas; os cemiterios são desabridos. Pediu-lhe a mulher carinhosa que não fosse.

— E' um dever, respondeu elle.

E, por cumprir um dever de amizade, morreu. Morreu no cemiterio, com a sua farda de ministro, a espada, as condecorações. Pó, terra, cinza, nada; nem sequer mais um bater do coração, do que havia de melhor n'aquelle homem.

Não se descreve a dor que se espalhou pela cidade desprevenida. O golpe tragico era temido pelos amigos, mas ninguem o esperava tão cedo. Todos os partidos politicos manifestaram seus sentimentos e fizeram-se representar no enterro. Liberaes, progressistas, republicanos, pegaram ás borlas do caixão. Olhos lavados em lagrimas eram muitos n'aquelle cemiterio aonde o transportaram. Eram sem conta, na casa da rua de S. Bento, as lagrimas da esposa, que nem o beijo da despedida pudera dar em vida ao querido amigo.

Visita de S. M. a Rainha D. Amelia á Viuva de Hintze Ribeiro — A sahida de casa

(Instantanio de Benoliel)

Consolou-a a grande bondade da Rainha, Senhora D. Amelia, que com as da viuva misturou suas sentidas lagrimas. O povo, que se accumulava por todo o percurso do cortejo funebre, desbarretava se respeitoso. Ainda os ideaes valem alguma coisa n'este mundo. Tel-os e seguil os é ser-se honrado. A Rainha bem sabia o tamanho da perda que lamentava; o povo tem a consciencia de que um homem de bem que morre é para elle uma perda tambem.

Antes do caixão entrar no tumulo, falaram os srs. Malheiro Reimão, ministro das obras publicas, em nome do governo, Pimentel Pinto, Teixeira de Sousa e Campos Henriques, antigos collegas de Hintze Ribeiro, Sebastião Telles, pelo partido progressista, José de Alpoim, pelos dessidentes, Conde de Paço Vieira, pelos deputados regeneradores, Jeronymo Sampaio, José Bello, pelos empregados do Credito Predial, Jayme de Sousa, em nome dos açoreanos. E todos, os inimigos de hontem com os amigos de sempre, foram unanimes no elogio, obrigando muitos dos ouvintes a commovidas lagrimas. Todos lembraram os grandes serviços de Hintze Ribeiro ao seu paiz e ao rei; muitos recordaram as amarguras por que passara, ultimamente muito maiores.

Disse o sr. Teixeira de Sousa: «Mesmo divididos pelas luctas das paixões politicas mais vehementes, nós todos conservamos o respeito sagrado pela verdade, em frente da sepultura, n'uma demonstração de infinita bondade que caracterisa o povo portuguez. Mas, longe d'aqui, onde, por vezes, informações ferem a reputação do homem publico de Portugal, é preciso evidenciar a justiça; e nenhum meio mais efficaz agora se nos depara do que invocar as circumstancias em que a morte, na sua implacavel cegueira, prostrára o mais notavel homem politico do seu paiz.» E terminou referindo-se ao peculio que legou: «para a sua querida companheira, a miseria; para os amigos, uma saudade; para a nação o respeito sagrado pela sua memoria».

Mas a politica não descança, e, como era natural, desde as primeiras horas, se discutiu com interesse a questão da chefia. Interinamente dirigirá o partido uma commissão composta dos srs. Pimentel Pinto, Teixeira de Sousa, Campos Henriques, Antonio de Azevedo e Wenceslau de Lima, todos com mais ou menos votos possiveis para futuros chefes. Accrescente se o nome do sr. Julio de Vilhena, que, ha tempos afastado da lucta, bem poderia vir a ser um *sextus gaudet*.

Não descançam os homens dos outros partidos, e, ainda ha pouco, em Braga, n'um banquete effectuado no theatro de S. Gerardo, em homenagem ao chefe local do partido progressista, sr. dr. José Maria Rodrigues de Carvalho, o sr. Veiga Beirão, no brinde que levantou, affirmou a vitalidade do partido, finalisando o seu discurso, coberto de applausos, com as seguintes palavras: »Cumpra-se pois a lei, respeite-se a carta constitucional, e, em vez de se enveredar por azinhagas, siga se o caminho direito.»

Em Lisboa foi imponentissima a manifestação feita ao sr. dr. Bernardino Machado, cuja attitude, nos ultimos tempos, tantas sympathias lhe atrahiu, e de gregos e de troianos. O governo prohibiu a manifestação collectiva; fez-se particular. Discutam-se, como se quizer, os adjectivos, o effeito moral foi o mesmo.

A lucta! sempre a lucta! Vencidos não faltam; o vencedor d'hontem será o vencido de ámanhã na lucta sem treguas em que anda o mundo. E lições não aproveitam.

Os desastres e até a morte tem quasi sempre sua logica.

Das Pedras Salgadas mandou El-rei um telegramma á viuva de Hintze Ribeiro, e festas projectadas malograram se. De Lourenço Marques mandou o Principe seus sentimentos, e uma nuvem ensombraria decerto grandes alegrias, recepções brilhantissimas, espectaculos maravilhosos, como o foi decerto aquella revista de vinte mil negros em pé de guerra.

A viuva continuará chorando. O mundo continuará em seu caminho.

João da Camara.

HINTZE RIBEIRO

A's homenagens que a imprensa politica de todos os partidos, até a dos mais adversos ao ilustre extinto, têm justamente prestado á memoria de Hintze Ribeiro, vimos hoje juntar nosso preito, não, tecendo novos louvores á inconfundivel individualidade do estadista que ora é morto, pondo em relevo as qualidades do homem, bem superiores aos defeitos inherentes á condição humana, mas simplesmente reeditando o que nesta revista por mais de uma vez se escreveu a seu respeito, fazendo justiça em vida ao seu valioso trabalho de ministro e de parlamentar não excedido, essa justiça que tão tarde o colhe para servir-lhe de linitivo a tantas amarguras usurario juro de alguns dias de gloria, a tantas ingratidões que feriram seu coração, pelo qual morreu!

Que paz de consciencia a nossa quando assim glorificamos a memoria de um morto!

Seja-nos, pois, permitido reimprimir, em primeiro logar, o artigo aqui publicado, em 1890, pelo nosso ilustre amigo e eminente escritor sr. conde de Valenças, a respeito de Hintze Ribeiro, de quem foi condiscipulo do mesmo curso da Universidade e intimo amigo até á morte.

E' difficil escrever de um homem, a que nos prendem laços estreitos de amizade antiga. Não é facil. Se a intimidade, por vezes, quebra os idolos, arrefece os sentimentos, intibia a admiração, substituindo-a pela indifferença, tambem é de acontecer, e não raro, que a observação constante, persistente, de todos os dias, descubra qualidades, e forme juizos, que, pela sua mesma exactidão, podem comtudo antolhar-se lisongeiros. E' o que ora está succedendo ao falarmos de Hintze Ribeiro. Vivemos em Coimbra, na época da juventude oirejada, em que o futuro começa a definir-se, predizendo aos inconscientes a *buena dicha* do seu destino.

Uma noite, naquella formosa cidade, sou bem lembrado, com elle tres moços que hoje são homens feitos, eram abancados a jantar alegre de que Hintze Ribeiro era o amphitryão. Chamavam-se Julio de Vilhena, Marçal Pacheco e o auctor d'estas linhas. A *comida*, consoante o dizer de Hespanha, começou silente, mas logo de afestoar-

se de palestras, risos e discursos. Um padre, (1) no vigor dos annos, então jubiloso camarada e melhor amigo, acompanhava, sem ser *inter pocula*, á mesa aquelles moços. A meio do festival, porém, o bom do ecclesiastico, em gestos admirativos, apenas soltava esta palavra: — extraordinario! Afinal, sem mão em si, dirige-se aos convivas:

— Olhem lá, o primeiro de vocês que fôr ministro, faz-me bispo?

Todos: — Certamente.

Oito annos dobados, dois d'aquelles moços eram ministros da corôa; o terceiro ainda o será; o ultimo não quero que o seja.

Isto succedeu ha 17 annos; e hoje um dos ministros de 1881, que pelo correr dos tempos foi augmentando em saber e credito, volta a secretario dos negocios estrangeiros.

E' Hintze Ribeiro, e vamos fallar d'elle.

I

Esta narrativa começou de uma anedocta de Coimbra, (e tantas poderiamos referir se não escrevessemos biographia, e sim *dècameron*); mas, não faremos historia com a tradição oral, á similhança dos apostolos, que não obstante escreveram bem. E para assim proceder ha um motivo especioso. Em nossa terra, entre tantas cousas boas, ha o mau sestro, acofiado na palestra das escolas, — de sagrar genios, ou de escarnecer por incapazes a certos individuos, não attentando em suas acções ou procedimento de vida.

Delmiro, para exemplo, é um genio, um subtil, um argumentador *hors ligne;* sabe tudo, e ainda que pouco estudioso, resolve qualquer problema! As gerações de hontem legam esta tradição ás gerações de hoje, e Delmiro vae envelhecendo tranquillo, prebenbado, honrado, inoffensivo, e inutil! Com a fronte aureolada do nimbo de — *grande genio*, foi ministro uma vez, duas vezes, tres vezes, e no interregno de seus consulados, pouco disse, nada fez, a ninguem opprimiu ou vexou, mas tambem nada escreveu, nem o seu nome com uma acção prestante Feliz Delmiro! E' um genio. E assim vae elle direito ao Conselho de Estado; feliz Delmiro!

Eis porque não faremos biographia, nem com a affirmação do rapazio das escolas, nem mesmo com os dizeres, mais ou menos eivados de paixão, do nosso jornalismo. Quem ámanhã por elle escrever historia, não será disserto. Sirva de exemplo o mesmo Delmiro. Fallou elle bem? Dirão os jornaes do seu lado;

— Sim, excellentemente.

Os do partido contrario:

— Não, horrivelmente. Mas tem talento, é activo, merece governar-nos?

Os jornaes da sua feição: — Oh! certamente; é um genio, um Pythagoras, de actividade febril, e o unico homem de governo nas circumstancias actuaes.

Os contrarios: — Quem, Delmiro? Um tolo, immoralissimo, dorminhoco; pois se elle não governa a sua casa, como ha de governar o paiz?

Assim vae a paixão politica escrevendo historia pelos jornaes, e os partidos, não raro, á imitação d'elles, pelos clubs e assembléas. E' de ver que tudo isto é assim; e eis, por evitar o julgamento suspeito, que lançaremos mão da escola positiva, só olhando aos actos e acções do individuo ao nosso proposito: — se ligou o seu nome a uma reforma de melhoria, se escreveu algum livro, se fez orações ou discursos, que mereçam nome.

O marquez de Pombal será sempre um estadista eminente e indiscutivel para todos os partidos. E porquê? Olhe-se o Collegio dos Nobres, a reforma da Universidade, a reforma das successões, a emancipação dos negros, as primeiras escolas, e tanto que elle deixou de si, — que todos lhe querem: — republicanos, constitucionaes e monarchistas extremes.

Com Hintze Ribeiro virá a succeder o mesmo? Está-nos a parecer que sim. E, se a demonstração não fôr de servir, que nos perdoe o illustre biographado, — que irá a culpa á penna do escriptor e não ao assumpto.

II

A eloquencia é uma nobre arte; mas, sendo uma cumplicidade com as assembléas, não raro, illusão das illusões de quem escuta, e vae enlevado no timbre sympathico da voz que falla, na figura attrahente do orador, ou na sua paixão indignada, que, certamente, e muita vez desperta a paixão indignada de quem escuta; — a eloquencia porque referve de mil cousas, idéas, sentimentos e circumstancias do tempo, em que discorre o orador,

CONSELHEIRO HINTZE RIBEIRO
EM 1881 QUANDO PELA PRIMEIRA VEZ MINISTRO
DAS OBRAS PUBLICAS

em que elle vive, e que amanhã será ido com as paixões arrefecidas; e o tribuno será no tumulo, sem poder allumiar o discurso que ficou, com o gesto vivo ou brando da physionomia propria, a irradiação do seu olhar, e o calor do seu temperamento; — porque tudo isto é assim, eu, respeitador da nobre arte da eloquencia, mais o sou por certo da nobre arte do escriptor; e disposto á maior admiração, e a que se dê a palma triumphante ao que, por ventura extranha, accumula em si as duas forças, ambas criadas para lazer, prazer, convencer e dirigir os homens.

Essa ventura, por singular, se encontra em Hintze Ribeiro, homem de excepção, que principiou de escrever livros, e, na doutrina e governo de seus conterraneos, lhes vae explicando, em publicações differentes a norma e razão de seu procedimento, no governo publico.

Temos aqui as principaes. E são:

— A theoria e legislação do Recambio. 1870.

— Os fideicommissos no direito civil moderno, (commentario aos artigos 1866 a 1874 do Codigo Civil portuguez). 1872.

— O caso julgado, em face do direito portuguez e da philosophia do direito. 1872.

— A reforma da legislação commercial. 1877.

— A questão Salamanca. 1882.

— Reorganisação dos serviços das alfandegas. 1885.

— A questão da fazenda. 1888.

— Questões parlamentares. 1888.

E' preciso compulsar estes oito volumes, sendo os primeiros de correcta e por vezes elegante forma litteraria, todos de notavel erudição, e abundantes na sciencia do direito commercial e civil, e mais elucidativos das differentes questões sociaes, que ultimamente teem preoccupado os poderes legisladores; — acompanhar um tal exame dos trabalhos constantes de Hintze Ribeiro nas commissões, e debates das duas camaras, para bem comprehender a educação scientifica do seu auctor; onde a robustez intellectual disciplina a vontade. O que tudo explica o obreiro incançavel, e logo o homem de governo, quando nas luctas da polemica partidaria, adduzindo a razão scientifica e a razão civil, sempre as submette á razão politica.

D'aqui a grande auctoridade da sua palavra. E' sizuda, tranquilla, abundante. Por vezes affirmando-se energica, nunca violenta. Comprehende-se ao ouvil-o, que falla certo na firmeza das instituições, as quaes podem ser mel ioradas, reformadas, nunca substituidas. A sua eloquencia é deliberativa: do seu tempo. Não ha revolução, não ha paixão. N'outra época, seria outro orador. Hoje, em frente de proprietarios, funccionarios, advogados, professores, agricultores, sem illsões; ledores, sabedores, scepticos, sem poesia; ensinados pelos successos, pela discussão dos jornaes, pela sciencia economica, que lhes criou interesses e não sentimentos, elle é o homem d'essas assembléas; e, armado de saber multiplice, domina-as pelo vigor da argumentação; não raro as assusta, insinuando subtil, que é um homem da ordem, capaz de errar, incapaz de enganar. Os ouvintes já o sabem. E estão predispostos a escutal-o. Se elle não conta pilherias; se não cita auctores; se não faz insinuações; se tem estudo, seriedade, probidade, — elle offerece garantias. Uma vez, que fallou em 3 sessões, durante 9 horas, acerca de reformas fazendarias, comprehendeu-se que Hintze Ribeiro era da estatura dos legisladores inglezes do começo do ultimo seculo, ou da época de Palmestron, que demoviam a attenção pelo conhecimento elucidativo das questões, não pela sonoridade da voz, ricochete da palavra, meandros da antithese ou emoções sentimentaes. Os que o ouviram então, como eu, que hoje lhe esboço os traços da physionomia intellectual, sentiram-se tomados de admiração. Elle, que fôra ministro dos estrangeiros (desde abril de 1881 a dezembro do mesmo anno), das obras publicas (desde março de 1881 a 1883), e da fazenda (desde outubro de 1883 até fevereiro de 1886), discorria das finanças de Portugal, como se este fôra o cuidado momentoso de toda a sua vida. E' que as especialidades formam-se pela variedade dos conhecimentos. A generalisação é uma qualidade do saber. Eis porque exerce dictadura nos moços e nos velhos. E é de ver na camara dos pares, de como na occasião do perigo, todos se agrupam em volta d'elle, e a satisfação de todos quando tem fallado, esclarecendo o debate, pondo a questão politica, obrigando os adversarios a reformar o plano de ataque pela novidade e habilidade da defeza, pelo ascendente do seu caracter, que, começando de crear a admiração, acaba por conquistar o dominio.

Até aqui o escriptor e o orador; agora o homem de governo. Hintze Ribeiro, pelos seus estudos palavra consciente, e educação positiva, é o procurador natural da nação. Hoje, o clero, a nobreza, artistas e operarios, os eleitores, a classe média, os militares, os sòcialistas, os republicanos, de todos, cada qual marcha sob differentes bandeiras a pontos diversos. D'ahi os grupos, o fraccionamento dos partidos, a politica individual, a discrepancia das folhas periodicas, o combate das insinuações, o jogo das calumnias, os boatos desencontrados' a confusão emfim na vida civil, onde mentem, ambicionam, intrigam, especulam, sem olhar aos vencidos, respeitando os vencedores.

Ao meio d'isto, sereno, frio, com a resistencia e tenacidade de Colbert, tranquillo entre tantas paixões, sem ser d'ellas impressionado ou amedrontado, Hintze Ribeiro vae praticando actos de utilidade, que miram ao interesse do maior numero. A outros as theorias sociaes, as theorias populares, os grandes sentimentos. A' sua parte a organisação dos serviços, (1) as reformas uteis, (2) a administração intelligente. Combinar os elementos que existem, melhoral os, reformal os; dar estabilidade e ordem ás instituições, auctoridade ao governo, eis o seu escopo. Para aqui não encontra obstaculos. Qual o conde de Cavour, nas difficuldades é que se encontra bem; então, e seu trabalho é maior, eis a differença. Quando o ministerio regenerador, em fins de 1885, estava para cahir, foi elle incumbido de encontrar o pretexto: e vae, que faz o nosso biographado? Organisa uma reforma completa de tributos, a que os seus adversarios foram os primeiros a fazer justiça. O pretexto estava achado, o ministerio cahiu. Mas, oh espanto! o ministro da fazenda que lhe succedeu, adoptou, como elle proprio confessou, algumas das medidas do seu antecessor. O succedimento apenas vem aqui para fallar da intensidade e brevidade do seu trabalho. De hoje para amanhã organisa uma reforma completa da fazenda. Os jornaes disseram que era a reforma de Caneças; esqueceram-se de dizer que elle não fizera a reforma em Caneças, mas que fôra para lá descançar do improbo trabalho, que despendêra em 15 dias.

III

Deveremos continuar?

Tem-se dito de homens nossos, que elles soterravam os contrarios, ora repetindo todos os dias uma insinuação, que repisavam, remoiam, voltavam

---

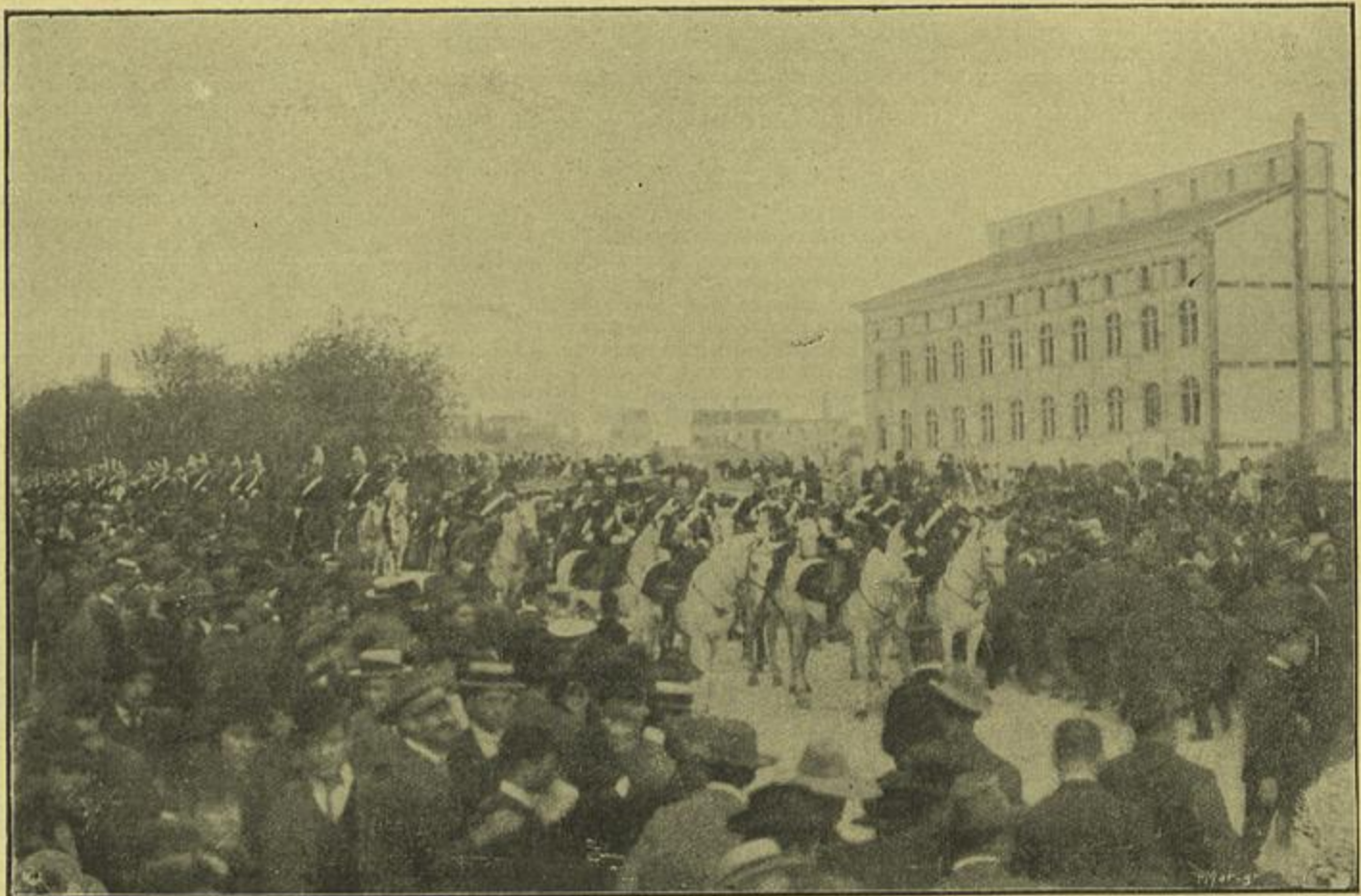
(1) O abbade de Pouza que morreu vigario geral de Braga.

(1) «Na pasta da fazenda, que geriu, abundam tambem os documentos de sua indefessa auctoridade. Taes foram: a remodelação dos impostos do sello e do sal; a reforma das alfandegas e da fiscalisação externa; as operações da caixa geral de depositos, da economica e da de aposentações; e os projectos de fazenda apresentados em 1886, que antecederam a breve trecho a queda do ultimo ministerio presidido por Fontes de Mello.»

BIOGRA HIA DE HINTZE RIBEIRO, pelo visconde de Benalcanfor *Reporter, 1.º anno n.º 27*

(2) Sob a sua iniciativa foram ordenadas varias construcções de linhas ferreas. Taes são as de Lisboa e Torres á Figueira; a da Beira Baixa; a de Mirandella e de Vizeu. Alargou a rede do sul, sueste e do Algarve. Emprehendeu os caminhos de ferro de Salamanca a Villar Formoso e Barca d'Alva. Inaugurou o porto de Leixões. Attendeu ás instantes necessidades da navegação, ordenando um plano geral de pharoes, marcas e balisas. E' ainda da sua iniciativa um projecto de socidades commerciaes. Lançou os fundamentos do inquerito industrial.» etc.

V de Benalcanfor, — Ibid.

O sahimento — Os parentes e amigos do Conselheiro Hintze Ribeiro conduzindo a urna funeraria de casa para o coche

A cavalaria no sahimento

(Clichés Benoliel)

Os membros do Governo aguardando a chegada do prestito á porta do cemiterio

Aguardando a chegada do prestito a porta do cemiterio

Os oradores — antes dos discursos

Os oradores — O sr. Conselheiro Teixeira de Sousa discursando

O coche, conduzindo a urna funeraria, chegando ao cemiterio

O jazigo em que ficou depositado o corpo de Hintze Ribeiro

(Clichés Benoliel)

estendiam, desdobravam; ora, se os adversarios eram resistentes, esmagando-os pelo ridiculo. Hintze Ribeiro não é nada d'isto; consciente da sua força, da sua energica vontade, usando da sua rectidão, dos seus principios, de que não ha desvial-o, é um homem de bem, luctando lealmente na politica, e dando lhe a nobreza de suas convicções e a do seu caracter.

Depois, a fallar, a escrever, na vida intima, é um *grand seigneur*: — polido, urbano, attento, pouco communicativo, e todavia correcto nas palavras e nas acções, sem quebra de qualquer dever social, que a boa educação recommenda.

Por tantos motivos, bem merece a confiança publica, o suffragio d'aquella maioria que mais hoje ou mais amanhã, reconhece e acclama o trabalho serio, constante, indefeso, de quem conquistou sua auctoridade, fazendo a nos serviços prestantes e prestados á causa commum. O futuro dirá, portanto, que um tal suffragio foi e é merecido, porque, acima de tudo, é a ordem, indispensavel para a existencia de tantos interesses legitimos, — o primeiro elemento da vida. Assim é no mundo physico, na lei geral dos seres, na sociedade civil.

22 de fevereiro de 1890.

CONDE DE VALENÇAS.

Desesete annos decorreram depois da publicação do precedente artigo, e durante elles se realisaram e cumpriram todas as afirmações e previsões a que se refere o sr. Conde de Valenças, que eram de esperar, natural consequencia da energiça vontade e superior talento de Hintze Ribeiro, que infelizmente agora é morto.

Em verdade durante esses desesete annos Hintze Ribeiro resolveu muitas e graves questões perigosas para a nação:

A dos credores externos, com quem celebrou o convenio, restaurando o credito do pais;

A das guerras d'Africa.

A questão religiosa.

A da instrução publica.

A dos tabacos.

E, consoante afirma o consciencioso e serio engenheiro, sr. Fernando de Sousa, outras não menos importantes e de immediato interesse para a viação acelerada. Diz o distinto engenheiro e jornalista:

«Factos — De 1881 a 1884 decorreu um dos periodos da mais rasgada iniciativa para o desenvolvimento da nossa viação accelerada.

Era então ministro das obras publicas Hintze Ribeiro que, depois de curto mas brilhantissimo tirocinio parlamentar, fôra chamado aos conselhos da corôa.

A ennumeração dos actos administrativos de então é o melhor elogio que se póde fazer da sua gerencia.

Em 2 de maio de 1883 era promulgada a carta de lei que approvava o contracto provisorio da concessão da linha de Lisboa — Cintra — Torres e auctorisava a contractar com garantia de juro o troço de Torres, Figueira e Alfarellos.

Da primeira concessão nenhum encargo resultava para o thesouro.

A garantia do juro da segunda era um adeantamento, que muito mais cedo do que se esperava, entrou já no periodo do reembolso.

Em 2 de junho do mesmo anno era promulgada a carta de lei que, concedendo certas isenções tributarias e fiscaes, assegurou a construcção da linha de Trofa a Guimarães.

Sem custar um ceitil ao thesouro está hoje prospera essa linha e tem contribuido poderosamente para o progresso da região.

Por lei de 22 de junho de 1882 foi auctorisada a construcção e exploração, por um syndicato portuense, da linha de Salamanca a Villar Formoso e a Barca d'Alva.

Cedeu o governo á corrente de opinião que no Porto considerava imprescindivel essa providencia. Não corresponderam inteiramente os resultados á espectativa, mas as communicações internacionaes de Lisboa e Porto foram notavelmente melhoradas, advindo ao paiz vantagens indirectas que compensam os sacrificios pecuniarios assumidos.

N'esse anno de 1882 foi dado vigoroso impulso á construcção da linha do Douro adjudicando se todos os troços desde Foz-Tua até Barca d'Alva.

Em 29 de março de 1883 promulgava se uma lei auctorisando o governo a adjudicar a conclusão da linha do Algarve e construcção do ramal de Portimão e a ligação das linhas do sul e sueste com a de leste, ou construir esses prolongamentos por conta do Estado. Assim se punha termo á serie de tentativas e hesitações que desde 1876 obstavam ao desenvolvimento da viação accelerada na região do sul, sob a constante preoccupação do arrendamento das linhas do sul e sueste.

Eram racionaes as bases da nova lei, mas demasiado vantajosas para o Estado. Ficou deserto o concurso.

Por decreto de 18 de setembro de 1883 foi determinada a construcção dos prolongamentos por conta do Estado em 1889 abria-se á exploração a linha do sul até Faro.

Em 26 de abril de 1883 nova lei auctorisando a concessão da linha da Beira Baixa com garantia de juro, da linha da Foz-Tua a Mirandella e de Santa Comba-Dão a Vizeu.

Mezes depois effectuavam se os concursos e realisavam-se as adjudicações. Comparavel com o periodo de iniciação em que se concederam as linhas de Norte-Leste, Sul-Sueste, Beira Alta e depois de alguns annos de estacionamento, alargavam se assim enormemente os beneficios da viação accelerada.

Em 1900 subiu novamente Hintze Ribeiro ao poder, onde se conservou até 1904.

N'esse curto praso de quatro annos promoveu-se e assignou-se a construcção do troço de Guimarães a Fafe, de Mirandella a Bragança, da Regoa ás Pedras Salgadas, da Livração a Amarante, de Faro e Villa Real, de Pias a Moura, de Extremoz a Villa Viçosa, de Evora a Móra, de Setubal ao Sado, do Barreiro a Cacilhas, das linhas do Alto Minho, de Portalegre, do Valle de Vouga, Coimbra a Louzã.

A acção do fomento pela viação accelerada exercida pelos conselheiros Vargas e conde de Paçô Vieira como ministros das obras publicas traduziu se assim por uma nova e brilhante etapa.

No curto governo de 1906 comprommettera se Hintze a levar á camara o contracto provisorio, concedendo garantia de juro á linha de Valle do Vouga.

Relembrando singelamente estes factos, deixo registado quanto o paiz deve, sob o ponto de vista dos progressos da viação, á iniciativa de largas vistas do illustre estadista.

Honra á sua memoria!»

Eis o artigo publicado no OCCIDENTE em 1905 por occasião do regresso de Hintze Ribeiro da sua viagem a França e a Inglaterra, onde fôra tratar da sua saude, nas termas de Ems:

. . . .

Vem remoçado fisica e moralmente, porque a terapeutica não influiu menos no seu figado, do que gratamente impressionou seu espirito o respeito e alta consideração com que foi recebido pelas sumidades da politica e da finança, em Paris e em Londres.

Certificou-se mais uma vez de que não era lá menos conhecido nem menos admirado do que em Portugal, e se esta prova o poderá ter nimiamente envaidecido como homem, muito o terá orgulhado como português, que tem dedicado a vida ao serviço do seu pais.

Ha vinte e sete annos na brecha, desde 1878, em que pela primeira vez tomou logar no parlamento, sua vida tem sido uma luta constante; o lutar é seu elemento.

Quando pela primeira vez veiu ás côrtes já trazia bagagem; os seus trabalhos sobre a legislação do recambio, 1870; commentario ao Codigo Civil Português sobre os fideicommissos no direito civil moderno, 1872; o julgar, em face do direito português e da filosofia do direito, 1872; a reforma da legislação comercial, 1877, e os mais que se seguiram e não vem para o caso d'estas curtas linhas de simples registo do que ora aconteceu.

Sim, é simplesmente o registo de factos e não um tecido de louvores, inspirados por uma velha amizade, com que muito nos honramos, ou impellidos por paixão partidaria, que pomos de parte. Nem uma nem outra é preciso invocar; os factos fallam mais alto e explicam todas essas demonstrações de respeito e de admiração que acompanharam o sr. Hintze Ribeiro na sua viagem para além dos Pyrineus, e que ao sol intenso d'este ceu meridional se expandiram nas frementes acclamações com que de um extremo ao outro do pais o saudaram á sua chegada.

O sr. Hintze Ribeiro é hoje o chefe de um partido que traz meio seculo de existencia, em cujas tradições a tolerancia é um dos seus lemas, porque com ella se pacificaram os animos que, desde 1834 a 1851 agitaram a nação em continuas revoluções.

A' sombra dessa tolerancia se operou a regeneração do pais pela ação dos partidos que se sucederam no poder, todos mais ou menos empenhados em promover o progresso, o desenvolvimento das forças naturaes da terra, da riqueza publica emfim.

Emquanto vivos os caudilhos da liberdade com elles se formavam governos em que cada ministro era, por assim dizer, chefe, porque todos mediam por egual suas forças, mas esses homens, que vinham da revolução, foram cahindo como os grandes robles que o tempo tambem derruba.

Os que acompanhavam o partido regenerador foram então agrupando-se em volta de Fontes Pereira de Mello, o mais novo dos velhos liberaes, que com elles fizera seu tirocinio e que mais se impunha por sua capacidade provada.

Dahi nasceu a chefia dos partidos.

O grande patriarca do partido regenerador, criou discipulos chamando a si os novos, nenhum, porém, lhe foi mais querido, por mais capacidade lhe encontrar, que o sr. Hintze Ribeiro; em 1883 já lhe confiava a pasta da fazenda e elle honrosa e honradamente a geria até 1886.

A morte de Fontes Pereira de Mello, em janeiro d'aquelle anno, fazia recahir a chefia do partido regenerador em Antonio de Serpa. Era o ministro mais antigo e tambem o mais velho, o que restava da velha guarda, gasto, doente, mas respeitado, para que alguem sahisse a disputar-lhe primazias.

Logar de honra que elle briosamente acceitou e por seu brio ainda correu o sacrificio de formar governo em 1890, quando a nação atravessava um periodo anormal, ferida pelo *ultimatum* de 11 de janeiro.

O seu nome prestigioso e honrado era tudo quanto o velho estadista podia pôr ao serviço da sua patria, para que triumfasse da luta em que succumbiram ainda mais duas situações politicas.

Em 1893 a marcha dos acontecimentos politicos indicava novamente o partido regenerador, mas então Antonio de Serpa declinava o formar gabinete, indigitando para a presidencia do governo o sr. Hintze Ribeiro.

Indicava assim o seu sucessor em que reconhecia a capacidade precisa para dirigir os negocios publicos; aquella indicação confirmava o juizo que de Hintze Ribeiro já havia formado Fontes Pereira de Mello.

Só o talento e o trabalho fazem d'estas conquistas, qualidades que caracterisam o actual chefe do partido regenerador.

E' prodigiosa sua atividade no governo ou na opposição. Os debates parlamentares demonstram bem os seus profundos conhecimentos, não havendo ramo da publica administração a que não chegue, e não só no parlamento o tem provado como em suas obras impressas.

Esse constante labutar, em que não ha esmorecimentos, encontrando sempre meios para vencer difficuldades, sem hesitações ou receios, tem lhe dado toda a auctoridade de um chefe, para dominar as paixões que se embatem em sua volta.

E comtudo o sr. Hintze Ribeiro preponderá sem molestar, antes cativando pela finura do seu trato pela atenção fidalga que a todos presta, numa reserva polida de estadista, que para o ser não esquece os deveres sociaes.

E se assim é no trato intimo, inutil é demonstral o na vida publica de que todos são testemunha.

Nos lances mais difficeis nunca se desconcertou; no mais acêso das discussões parlamentares nunca proferiu um desprimor.

Bem seguro de si, consciente e firme em suas convicções não usa de doestos para se defender ou atacar. Dahi provém sua força, sua aura, que mais uma vez se manifestou no seu regresso a Portugal.

. . . .

CAETANO ALBERTO

Estas despretenciosas linhas, pobre homenagem a quem tanto direito tinha á consideração dos seus concidadãos, foi agradecida pelo ilustre homem de estado ao autor, na carta que em autografo reproduzimos noutro logar, honra emerecida, mas que confirma os primores de cortezia e a estrema bondade de coração de quem a escreveu.

A VIUVA

Seria incompleto neste momento nosso preito á memoria de Hintze Ribeiro, se não prestassemos tambem nossa homenagem á virtuosa viuva do notavel estadista, a sr.ª D. Joanna Chaves Hintze Ribeiro, que a vida inteira lhe dedicou em desvelos e carinhos, quer nos momentos de gloria, quer nos dias de amargura.

De seus afétos o acompanhou até á morte e o chorou e chorará sentidamente.

Sua biografia é o seu imenso amor pelo esposo querido, que para ella era mais que uma intelligen-

D. JOANNA CHAVES HINTZE RIBEIRO

cia superior, era o homem escolhido do seu coração.

Que as merecidas e justas atenções de que tem sido alvo, possão servir de linitivo á sua grande dôr, é o que de fundo d'alma desejamos á inconsolavel senhora.

O FUNERAL

Raras vezes tanta dôr terá acompanhado ao tumulo um homem publico, sempre sujeito á diversidade do sentir das paixões e dos interesses que se revolvem em torno, e quanto mais alto mais exposto a ellas.

Não fazemos poesia, disendo que muita dôr fez cortejo ao homem de estado na sua ultima jornada, porque alem dos parentes, dos amigos, dos correligionarios, vimos o povo que ali foi levado, por um sentimento mais grato que o da simples curiosidade vulgar, sentimento que bem se traduzia na compostura e respeito com que assistiu ao funebre desfilar e piedoso se lhes acercou do tumulo num ultimo adeus.

Pois a grande arvore que tantos acolhera á sua sombra, já lhe não podia estender os ramos protetores, já nada lhe podia dar da sua seiva, porque *mors ultima ratio*, mas por isso mesmo sua falta seria mais sentida e naquella hora seriam recordados seus beneficios.

O morto que ali ia singido entre o apertado ambito da urna funeraria, que era quanto tinha por seu, depois de uma vida trabalhosa, vivera mais para os seus concidadãos do que para si proprio, morrendo pobre, e isso explica o respeito, o sentimento, a condolencia com que todos assistiram ao funeral.

Se até o ceu, que tão lindo tem estado, naquella hora extrema se velou de nuvens e triste assistio ao desfilar do estenso cortejo funebre, desde a rua de S. Bento até o Cemiterio Occidental acompanhado pelo toque plangente dos sinos que dobravam.

O sol, que uma ou outra vez irrompe, descia agora rapido por detraz dos cyprestes, que assim ficam mais negros, quando as primeiras filas do cortejo chegavam ao fim da Avenida dos Prazeres. A' entrada do cemiterio principiaram a acomular-se as pessoas que se apeavam dos trens e entre estas a oirejarem as fardas dos ministros e dos militares superiores, preduminando, entretanto, as sobre-casacas pretas, que se confundiam entre a multidão que ali aguardava a chegada do feretro.

Chegaram os u timos trens e largo interregno succedeu até aparecer o cortejo dos que vinham a pé. A onda de povo mais ia crescendo e ao longe ouvem-se os primeiros acordes das bandas dos regimentos, que abriam alas.

O vento traz as notas de uma marcha funebre; é o feretro que se aproxima, seguido dos esquadrões de cavalaria.

Por sobre as cabeças divisa-se um monte de flores que avança, sob essas flôres vem o coche, que a custo se arrasta, condusindo a urna funeraria. Todos se descobrem.

A sineta do cemiterio sôa as badaladas do estilo annunciando que um morto vae dar entrada na eterna morada. Estes pequenos nadas não passam indiferentes naquelle momento solemne, emquanto do coche se apeia a urna e mãos piedosas a tomam para a conduzir á capéla. Vae ali o corpo de uma grande alma que partiu para as regiões da eternidade, mas é precioso esse corpo para quantos o rodeiam.

A multidão aperta-se, o prestito custa a romper por entre ella, cuja atitude é, contudo, recolhida e respeitosa. O acompanhamento enche a capéla onde se resam os ultimos responsos.

Organisam-se os turnos que hão-de conduzir ao tumulo o feretro:

1.º — Srs. conselheiros João Franco, V. Porto, Luciano Monteiro, Malheiro Reymão, Martins de Carvalho, Teixeira de Sousa, ministros de Inglaterra e França.

2.º — Srs. conselheiros Pereira de Miranda e Sebastião Telles, secretario da Allemanha, ministro da Belgica, general Francisco Maria da Cunha, conselheiro Moraes de Carvalho, arcebispo de Evora e conselheiro Dias Ferreira.

3.º — Srs. conde de Valenças, addido militar allemão, secretarios do Brasil, conde de Mesquita, conselheiros Moreira Junior, Antonio d'Azevedo e Ferreira do Amaral.

4.º — Srs. conselheiros Schroeter, João Arroyo, Raphael Gorjão, Augusto Fuschini, marquez do Fayal, dr. João Pinto dos Santos, dr. Bernardino Machado e encarregado dos negocios do Uruguay.

5.º — Srs. Luiz Eugenio Leitão, representando a Associação Commercial do Porto, conselheiros Dias Costa, Eduardo Villaça, conde de Penha Garcia, dr. Alfredo da Cunha, director do *Diario de Noticias*, marquez de Avila, Hermenegildo Capello e conselheiro João Arroyo.

6.º — Pelos ministros de Estado honorarios do partido regenerador srs. conselheiros Raphael Gorjão, Rodrigo Pequito, Affonso Vargas, Matheus dos Santos, José d'Azevedo e Paçô Vieira.

E' impossivel, porém, aproximar-se da porta do jazigo, porque a massa do povo é compacta e não permite lá chegar, sem haver policia que a aflaste.

Todos querem ouvir os oradores que vão falar, principiando pelo sr. conselheiro Reimão, ministro das Obras Publicas, que fala em nome do governo, e diz que Hintze Ribeiro: «Succumbe ferido rapida e mortalmente em plena apparencia de robustez e de força, em pleno ardor de combates e de luctas, passando bruscamente da intensa actividade de uma vida de trabalho e acção para a rigida e paralytica immobilidade da eterna morte.»

«O seu nome que, durante quasi trinta annos, voou stridentemente na politica portugueza como um clangor marcial de combate; o seu nome tão brilhante que representou o trabalho infatigavel e constante, a palavra scintillante, harmoniosa, prodiga, a reflexão serena, o porfiado estudo, o avisado conselho, perdeu hoje apenas o seu relevo humano, para immaterialisar-se e insculpir-se entre os d'aquelles que mais fadigosa e denodadamente trabalharam nas luctas vivas da politica, nas bravias pugnas do parlamentarismo nas pungentes incertezas e nos terriveis lances e sobresaltos da governação de um paiz.»

«O governo não desempenha aqui, pela voz do mais obscuro dos seus membros, um simples dever do formalismo politico, mas presta rendida homenagem ao illustre cidadão que a morte arrebatou, ao infatigavel trabalhador, ao parlamentar eminente, ao esclarecido estadista que o paiz perdeu.»

Segue se o sr. conselheiro Pimentel Pinto, cuja perturbação é manifesta alanceiado pela dôr que o oprime Não póde fazer ali a biographia do chefe do partido regenerador nem a historia politica da sua vida. Essa hade ser feita no parlamento onde elle contou as victorias pelo numero de lutas em que interveio. Contra o que a muitos se lhes afigurava, por mais superficialmente o conhecerem, seu coração era cheio de bondade e afétuoso e assim soube debelar as paixões.

«Não era impondo a sua auctoridade que elle vencia attrictos, era falando ao que havia de nobre, de justo e de afectuoso no coração dos seus collegas, que elle conseguia sempre que os attritos se não agravassem.»

«Se o paiz chora a perda de um dos seus cidadãos mais illustres, se o partido regenerador chora a perda do seu glorioso chefe, se eu choro a perda do meu mais dileto amigo, a desolada viuva de Hintze Ribeiro chora a perda da metade mais querida da sua vida.»

Em nome do partido progressista discursa o sr. conselheiro Sebastião Telles.

Toma esse encargo porque o chefe do seu partido não póde ali vir.

Não é ocasião de fazer a biografia do ilustre extinto, e apenas poderia recordar os actos principaes da sua vida politica, mas nem isso fará depois dos oradores que o precederam. Todos conheceram Hintze Ribeiro e sabem como elle serviu o seu partido, o pais e o rei.

Fala o sr. conselheiro Campos Henriques:

«Ali dentro d'aquellas poucas taboas, tão curtas e tão estreitas, está, inanimado e frio, o corpo d'um homem que pelas poderosas faculdades do seu cerebro, pelas excepcionaes qualidades do seu coração, pela força da sua vontade inquebrantavel, teve uma vida cheia de gloria e deixa uma memoria coberta de bençãos.»

«Hintze Ribeiro seria grande em qualquer pais do mundo.»

E assim prosegue enaltecendo as qualidades do homem e do politico, acabando por dizer:

«Morreu de pé, esmaltando lhe o nobre peito a gran cruz da Torre e Espada, simbolo de valor, lealdade e merito, virtudes em que poucos portuguezes o egualaram e nenhum o excedeu. E este homem tão glorioso e bom, este estadista de tamanha envergadura intelectual e moral, resvala na sepultura pobre, mas rico de serviços prestados á patria, que eternecidamente amou e ao rei dedicadamente serviu. A sua vida fica como modelo e como lição.»

Em nome dos dissidentes progressistas fala agora o sr. conselheiro Alpoim que faz uma oração brilhante, mas de que só podemos aqui reproduzir breves trechos.

Exalta a lealdade de Hintze Ribeiro e diz: «Era grande e generoso esse coração tão desconhecido de muitos que o avaliavam pela sua figura um pouco hirta e grave, sem a exuberancia de gestos, o ardor das palavras, e a como que expontaneidade externa do sentimento, que tanto nos agrada a nós, meridionaes de sangue ardente, em cujo peito viça a flôr vermelha da alma peninsular! Hintze Ribeiro não alcançou, talvez por seu aspéto frio e reservado, as grandes e festivas demonstrações da popularidade tão amada das almas banaes.»

«Elle podia dizer de si o que um dia Ferry «o Loreno grave e reflétido, um pouco frio, duma reserva levemente altiva» respondeu a Gambetta, o meridional de gesto largo, de palavra rubra, de coração na bôca — «Ferry, vós sois o melhor homem do mundo, mas é preciso sabel-o, porque isso não se vê. Vós fazeis lembrar uma roseira que só floresça em espinhos!» — «Sim, respondeu Ferry, sorrindo tristemente, é uma má sina .. As minhas rosas florescem para dentro.»

Segue se na palavra o sr. conselheiro Teixeira de Sousa. Fala como verdadeiro amigo do que ali jaz morto. Fala com palavras de justiça e de verdade. Quer naquella hora solemne e sob juramento deante de um esquife, dar publico testemunho, de como Hintze Ribeiro só viveu para o bem e para a sua patria, que serviu com a maior abnegação.

Vae falar o sr. conde de Paçô Vieira, mas a noite começa a estender as suas sombras, pelo que o orador é breve. Já não ha tempo para discursos, mas só para lagrimas. Duas palavras só por que é obrigado a dizel as como o derradeiro adeus dos deputados regeneradores ao seu querido e saudoso chefe. Nessas duas palavras o ex-ministro e deputado regenerador refere-se ás grandes faculdades de trabalho, á enorme ilustração e á bondade de Hintze Ribeiro.

Falam ainda o sr. Jeronimo Sampaio, o sr. José Bello e por ultimo o sr. Jayme de Sousa.

Havia mais oradores para falar como o sr. conde de Valenças, Pereira Lima etc., mas é noite e as portas do tumulo tem que serrar-se sobre o morto que ali vae dormir na sua paz.

Giram os gousos pesados e um clarim dá o sinal para as descargas.

E' ao clarão sinistro dessas descargas que cortam as trevas da noite, como relampagos saídos da boca dos canhões e das espingardas, que todos vão retirando do cemiterio, daquella necropole por onde a morte estende seu manto negro, que nem toda a luz do espirito póde alumiar seus insondaveis misterios.

Os regimentos retiram por fim tocando marchas, cujo éco, se iria perder por entre os ciprestes que dão sombra aos mortos, e que seria como o ultimo adeus do mundo ao que ali ficava na paz do tumulo.

Assim findou o acto funebre; assim acabará tudo tambem.

CAETANO ALBERTO.

Ex.mo e prez.do amigo

Venho agradecer-lhe, muito penhoradamente, os exemplares, que me enviou, do numero do seu excellente jornal "O Occidente", onde a sua gentil amisade e benevolencia para commigo publicou o meu retrato, acompanhando-o de palavras que eu não mereço.

Creia V. Ex.ª que muito me sensibilisou a sua tão captivante lembrança.

Com subida e já velha estima e consideração, sou de V. Ex.ª

m.to att.o am.o obg.do

21-8-5

Hintze Ribeiro

FAC-SIMILE DE UMA CARTA DE HINTZE RIBEIRO A CAETANO ALBERTO — *Vid. artigo a pag.na 174*